

A VIRADA AFETIVA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ONTOLOGIA, MÉTODO E A CRÍTICA AO *HOMO ECONOMICUS*

The Affective Turn in International Relations: Ontology, Method, and the Critique of Homo Economicus

Vinícius Armele¹

¹Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle), RJ, Rio de Janeiro, Brasil. **E-mail:** viniciusarmele@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9550-8453>.

Artigo recebido em: 15 maio 2025 | Aceito em: 9 dez. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo argumenta pela potência analítica da virada afetiva de matriz espinozista-deleuziana para as Relações Internacionais (RI), estruturando sua intervenção nos planos ontológico, epistemológico e metodológico. Sustentamos que essa perspectiva introduz uma significativa transformação ontológica ao substituir a figura do *homo economicus* por uma ontologia relacional centrada na corporeidade e na potência de afetar e ser afetado. No plano epistemológico, a abordagem desafia o racionalismo e a hegemonia da virada linguística, reposicionando os afetos como forças pré-discursivas constitutivas do político. A análise da recepção de Deleuze e Guattari nas RI permite cartografar a linhagem micropolítica e afetiva, cujo potencial é demonstrado através de um estudo comparativo reflexivista de dois casos estratégicos: a mobilização do medo na Guerra ao Terror e a mobilização transnacional da extrema-direita contemporânea. Essa análise evidencia como a gramática afetiva do poder opera tanto na securitização estatal quanto na contestação populista, forjando lealdades que transcendem o cálculo racional. Por fim, o artigo traduz esses fundamentos em uma agenda de pesquisa metodologicamente viável, propondo eixos concretos para investigar a dimensão sensível do internacional. Concluímos que a virada afetiva reposiciona a experiência vivida – em sua corporeidade e afetividade – como central para uma compreensão renovada da cultura e das dinâmicas de poder global.

Palavras-chave: Virada Afetiva. Ontologia Relacional. Teoria das Relações Internacionais.

ABSTRACT

This article argues for the analytical power of the Spinozist-Deleuzian affective turn for International Relations (IR), structuring its intervention across ontological, epistemological, and methodological planes. We contend that this perspective introduces a significant ontological shift by replacing the figure of *homo economicus* with a relational ontology centered on corporeality and the capacity to affect and be affected. Epistemologically, the approach challenges rationalism and the hegemony of the linguistic turn, repositioning affects as pre-discursive forces constitutive of the political. An analysis of the reception of Deleuze and Guattari in the IR field allows for the mapping of the micropolitical and affective lineage, whose potential is demonstrated through a reflexive comparative study of two strategic case studies: the mobilization of fear in the War on Terror and the contemporary transnational mobilization of the far-right. This analysis highlights how the affective grammar of power operates both in state securitization and in populist contestation, forging loyalties that transcend rational calculation. Finally, the article translates these foundations into a methodologically viable research agenda, proposing concrete avenues for investigating the sensible dimension of the international. We conclude that the affective turn repositions lived experience – in its corporeality and affectivity – as central to a renewed understanding of global culture and power dynamics.

Keywords: Affective Turn. Relational Ontology. International Relations International Relations Theory.



INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais (RI) passaram por uma significativa expansão epistemológica nas últimas décadas, desafiando fronteiras teóricas e metodológicas tradicionais e questionando dualismos como razão/emoção e política/cultura. Nesse contexto, a chamada “virada afetiva” (*affective turn*), originada nas humanidades, emerge como uma perspectiva inovadora para repensar os fundamentos da política mundial. Uma literatura já vasta sobre afetos e emoções nas RI (Crawford, 2000; Mercer, 2006; Ross, 2006; Hutchison e Bleiker, 2014), inclusive na vertente espinozista-deleuziana aqui adotada, questiona vigorosamente os pressupostos racionalistas do campo e a ênfase excessiva da virada linguística na linguagem e na representação. Este artigo visa sistematizar essa vertente teórica para o público brasileiro de RI, focando na linhagem de pensamento radicada em Espinosa e radicalizada por Deleuze e Guattari. Argumentamos que a virada afetiva propõe mais que um novo tema; ela instaura uma importante transformação ontológica, substituindo o *homo economicus* por uma ontologia relacional baseada na corporeidade e na potência de afetar e ser afetado. Nessa perspectiva, os afetos são forças pré-individuais, pré-conscientes e transpessoais que constituem as subjetividades, os regimes de sensibilidade e as próprias estruturas do poder internacional.

Ao articular este percurso, nosso objetivo é triplo: (1) introduzir e sistematizar, de forma inédita para o debate brasileiro, os fundamentos da virada afetiva de matriz espinozista-deleuziana, oferecendo um mapa teórico acessível dessa linhagem ainda marginal no campo das RI; (2) demonstrar como essa perspectiva promove uma reorientação ontológica radical, deslocando a centralidade da figura do *homo economicus* por uma ontologia relacional centrada na corporeidade e na potência de afetar e ser afetado, reposicionando os afetos como forças pré-discursivas constitutivas do político; e (3) traduzir essa ontologia em uma agenda metodológica concreta, propondo eixos empíricos viáveis para investigar a dimensão sensível do internacional.

Cumprindo esses objetivos, a contribuição analítica específica e inovadora deste artigo é dupla. Primeiro, ele oferece a primeira sistematização abrangente para o público brasileiro de RI da linhagem espinozista-deleuziana da virada afetiva, cartografando seu percurso no campo e distinguindo-a claramente das apropriações macropolíticas de Deleuze e Guattari. Segundo, e mais decisivamente, o artigo avança além da mera teorização ao traduzir os fundamentos ontológicos dessa perspectiva em um programa de pesquisa metodologicamente viável, com eixos empíricos concretos. Diferentemente de trabalhos que se limitam a advogar pela importância dos afetos, propomos aqui um instrumental analítico integrado – ontológico, epistemológico e metodológico – para investigar como atmosferas afetivas, economias políticas do afeto e agenciamentos transnacionais constituem as gramáticas do poder e do pertencimento na política global. Argumentamos, sobretudo, que a virada afetiva oferece uma perspectiva fundamental para repensar a própria cultura da política mundial, compreendendo-a não como um pano de fundo simbólico, mas como um campo de forças ativo e sensível, onde identidades, lealdades e formas de poder são incessantemente negociadas e produzidas.

O artigo organiza-se em quatro seções. Primeiro, definimos "O que é a Virada Afetiva?", situando origens, conceitos e ruptura com a virada linguística. Em seguida, em "A Recepção de Deleuze e Guattari nas RI", mapeamos a incorporação dessa filosofia, distinguindo uma linhagem macropolítica de outra micropolítica e afetiva. Na terceira seção, "Por que o Afeto Importa nas RI?", demonstramos o poder analítico da abordagem, contrastando-a com o construtivismo e analisando fenômenos concretos. Por fim, em "Uma Nova Epistemologia nas RI", traduzimos os fundamentos ontológicos em uma agenda de pesquisa prática. Se o afeto é, como propõe Massumi (2002), "o fio condutor da experiência", compreendê-lo é essencial para desvendar as novas gramáticas do poder e do pertencimento em um mundo globalizado.

ABERTURA TEÓRICA: O QUE É A VIRADA AFETIVA?

A virada afetiva, um movimento intelectual das humanidades a partir dos anos 1990 com autores como Eve Sedgwick, Adam Frank e Brian Massumi, propõe incorporar afetos, emoções e sentimentos na análise dos fenômenos sociopolíticos. Contrapondo-se ao racionalismo tradicional – especialmente o modelo do ator racional dominante nas RI –, essa abordagem reinsere o corpo, a experiência e a sensibilidade no centro do debate, tratando disposições emocionais e relações afetivas como elementos constitutivos do social e do internacional. Fundamentada na "teoria do afeto" (*affect theory*), essa perspectiva rompe com a centralidade do discurso e da razão. Afirma que intensidades afetivas, irredutíveis à linguagem ou à representação, permeiam os fenômenos sociais. A virada afetiva implica, assim, uma transformação metodológica e a adoção de uma ontologia relacional, deslocando a análise das categorias racionais para as intensidades corporais que estruturam a experiência.

Sua consolidação como paradigma distinto remonta a meados dos anos 1990, com dois ensaios seminais que delinearam suas principais linhagens: "*Shame in the Cybernetic Fold*", de Eve Sedgwick e Adam Frank, e "*The Autonomy of Affect*", de Brian Massumi. Como assinalam Gregg e Seigworth (2010, p. 5). O primeiro segue a psicobiologia dos afetos de Silvan Tomkins, onde o afeto é compreendido, em uma inspiração darwiniana, como um motivador inato e fundamental para as pulsões corporais, irradiando do interior do corpo para o mundo. O segundo, de inspiração ética espinosista (relida por Deleuze), situa o afeto no meio das coisas enquanto força relacional, impessoal e moduladora de devires, definindo-o pela potência de afetar e ser afetado².

Um eixo central da virada afetiva é sua crítica à virada linguística. Se esta reduzia o real aos regimes de significação, a virada afetiva opera um duplo deslocamento. Teoricamente, postula uma dimensão paralinguística e pré-consciente do afeto, entendido como "processos autônomos não significantes" abaixo do limiar da consciência (Leys, 2011, p. 437) – condição de possibilidade

² Ao adotarmos o termo consagrado "teoria do afeto" (*affect theory*) – como em Clough (2007), Gregg & Seigworth (2010) e Massumi (2002) –, referimo-nos precisamente a um corpo conceitual e a uma perspectiva analítica de caráter interpretativo e pós-estruturalista, e não a um modelo explicativo causal de tipo positivista. Seu objetivo é fornecer um quadro de leitura para a dimensão pré-discursiva e relacional da vida social, focando na potência (no sentido espinosiano) e na produtividade dos afetos. Neste artigo, termos como "teoria", "perspectiva" e "abordagem" são, portanto, empregados de maneira sinônima para designar esse *framework* teórico-analítico particular.

do sentido, não seu produto. Metateoricamente, redefine o diálogo com as ciências biológicas, apropriando-se criticamente de contribuições da neurociência e das ciências cognitivas, desde que lidas através de teorias (como a dos sistemas dinâmicos) que enfatizam a plasticidade e contingência do corpo. Trata-se de superar o dualismo que opunha construção social e materialidade corporal. Esse movimento contesta a supervalorização da razão na tradição ocidental, assentada no dualismo cartesiano mente-corpo (Leys, 2011, p. 436). Diferente de abordagens que veem a emoção como antítese da razão, a teoria dos afetos entende sentimentos, emoções e sensações como a própria substância da subjetividade. O "problema do afeto", como coloca Cross (2021, p. 5), é central, pois expande a compreensão da motivação humana para incluir dimensões não conscientes, não cognitivas e não linguísticas. Como o afeto precede a constituição do humano e não se reduz à interioridade individual ou à significação, ele pertence a um domínio não humano. Uma ontologia afetiva disputa espaço conceitual com as teorias do ator racional e com a centralidade conferida pela virada linguística à construção de significado. Negligenciar a função dos afetos significa ignorar suas qualidades corporais e viscerais e as considerações que uma ontologia afetiva oferece.

Vinculada a críticas pós-estruturalistas e feministas, a virada afetiva vê as emoções não como dados biológicos, mas construções culturais e políticas (Sedgwick e Frank, 1995; Ahmed, 2004; Berlant, 2011). O afeto circula, conecta, transforma e organiza relações – inclusive internacionais. Não há consenso terminológico: alguns distinguem “afeto” (estados pré-conscientes) de “emoção” (codificação social), enquanto outros, como Mazzarella (2017), propõem pensar os conceitos em continuidade, focando em como moldam práticas e discursos. Essa falta de consenso resulta em duas concepções distintas. Ngai (2005) sugere que os termos são usados de forma intercambiável, diferindo em intensidade. Massumi (2002) e Cross (2021), por outro lado, estabelece uma distinção clara: afeto como evento intensivo, pré-pessoal e impessoal; emoção como sua qualificação subjetiva e sociolinguística. Essa divisão reflete um corte epistemológico entre abordagens fenomenológicas e anti-fenomenológicas do corpo. Para a linhagem deleuziana, o “corpo” relevante é o “corpo sem órgãos” – uma multiplicidade de intensidades e potencialidades que transcende o corpo fenomenológico vivido³.

Não há, portanto, uma teoria unificada dos afetos, mas um conjunto de abordagens baseadas em tendências teóricas inovadoras do final do século XX (Athanasίου *et al.*, 2008, p. 6). Patricia Clough (2007) sintetizou essa mudança como a “virada afetiva”, um engajamento teórico minucioso com os afetos visando uma nova epistemologia. Algumas correntes baseiam-se em genealogias antigas (Espinosa, Deleuze, Guattari); outras dialogam com a antropologia para tratar emoções como práticas sociais e culturais, não estados psicológicos isolados. Outras constroem pontes com a biologia e neurociência; outras revisitam filósofos como Kierkegaard e Bergson para atualizar a subjetividade. Em comum, desafiam as oposições entre emoção e razão e entre

³ O corpo sem órgãos é um conceito filosófico que desafia a concepção do corpo como estrutura orgânica fixa. Representa uma multiplicidade de intensidades, fluxos e potencialidades, uma zona de possibilidades anterior à organização hierárquica, buscando liberar o corpo de definições preestabelecidas.

discurso e afeto, estabelecendo uma ponte transversal entre as dualidades mente/corpo e ações/paixões.

Esses campos revelam uma tensão produtiva entre emoção e afeto. Em Espinosa, o afeto permanece distinto, habitando uma tensão entre mente e corpo, poder de afetar e de ser afetado. Essa tensão impede uma simples inversão da hierarquia corpo/mente, colocando os conceitos no mesmo plano e evitando o dualismo. A noção de afeto é indissociável das reconfigurações do poder. Afeto e poder são vetores interdependentes para pensar o político. Portador de uma multiplicidade semântica – paixão social, *pathos*, simpatia, empatia, sofrimento político, abertura ao outro –, o afeto estimula as forças da sociabilidade. A relação entre desejo, poder, corpos e materialidade estrutura o trabalho intelectual desta abordagem analítica, que encontra em Espinosa uma ontologia do humano constantemente aberta e renovada. Uma perspectiva atravessada pelos afetos permite explorar os poderes desconhecidos que residem entre o que um corpo pode fazer, uma mente pode pensar e um afeto pode realizar.

Inspirados por essa tradição, autores das RI mobilizam a noção de afeto para analisar práticas socialmente investidas, da constituição cotidiana do nacionalismo através de atmosferas afetivas ao uso discursivo dos afetos para produzir consenso em políticas de segurança, como ilustra a máxima de que “os afetos são o que os Estados fazem deles” (Holland; Solomon, 2014). Tais apropriações demonstram que a virada afetiva é menos uma abstração filosófica e mais uma ferramenta analítica concreta para desvendar as dinâmicas do poder internacional. Ao tensionar categorias fixas e “esquemas de conhecimento” ontologicamente fechados, o quadro conceitual da virada afetiva permite focar nas práticas como relações históricas situadas, exigindo reflexividade sobre os conceitos e campos que lhes dão significado. Seu objetivo último é expandir a compreensão da motivação humana para incluir dimensões irracionais, inconscientes, não cognitivas, não linguísticas e não predeterminadas.

A RECEPÇÃO DE DELEUZE E GUATTARI NAS RI: PARA ALÉM DA VIRADA AFETIVA

A recepção de Deleuze e Guattari (D&G) nas RI é marcada por apropriações diversas, muitas das quais divergem do foco na afetividade e corporeidade da “virada afetiva”. Uma primeira onda, mediada pela crítica pós-moderna, popularizou termos como “rizoma” e “máquina de guerra” de forma metafórica e superficial (Gammon, 2010; Lenco, 2014), gerando demandas por um engajamento mais rigoroso. Em resposta, é possível mapear dois eixos analíticos principais: um macropolítico e estrutural, e outro micropolítico e afetivo.

O primeiro eixo prioriza uma análise estrutural de larga escala. Conceitos como “agenciamento”, “máquina de guerra” e “axiomática capitalista” são mobilizados para uma crítica ontológica a fundamentos das RI como Estado, soberania e capitalismo, relegando a sensibilidade a um plano secundário. Autores como Reid (2003; 2010) e Gammon (2010) – e, em um diálogo interdisciplinar crucial, o filósofo Sibertin-Blanc (2016) – mobilizam o conceito de Máquina de Guerra para argumentar que o Estado e a soberania funcionam como “aparelhos de captura” de

processos fluidos e heterogêneos. Nessa perspectiva, a soberania é compreendida como uma configuração afetiva de natureza libidinal que perpetua a cisão entre o político e o econômico, fundamental para a dinâmica capitalista. Albert (1998) foca na demarcação espacial como intrínseca à epistemologia ocidental, enquanto Bailey (2010) recorre à “axiomática capitalista” para explicar a integração europeia, mostrando como o capitalismo desterritorializa fluxos de desejo e capital, cabendo à política reterritorializá-los. O foco, como salienta Sibertin-Blanc (2016), está na violência endógena do capitalismo, não na afetividade subjetiva.

Outras contribuições neste eixo privilegiam a ontologia de D&G para analisar a complexidade social. Lenco (2012, 2014) e Deuchars (2010) defendem o pensamento deleuzo-guattariano como uma “super-teoria” para o estudo da emergência e mudança, advogando pela “Ciência Nômade” como método para sistemas abertos. Aplicações internas à disciplina incluem Corry (2014), que propõe a *assemblage* (agenciamento) para repensar modelos de estrutura focando em “objetos de governança” como o clima; Eun (2021), que diagnostica uma “territorialidade fechada” nas RI e propõe um “devir-rizomático” para desterritorializar o campo; e Huysmans e Nogueira (2023), que, “contra a resistência”, propõem uma “política diferencial” baseada no conceito de “dobra” para modelar movimentos políticos transversais em larga escala.

O segundo eixo alinha-se diretamente com a “virada afetiva”. Essa vertente investiga a causalidade do *affectus* espinosiano, a corporeidade e a micropolítica da experiência, colocando no centro o desejo, a sensibilidade e os processos de subjetivação. Aqui, a análise de agenciamentos é orientada por uma teoria do afeto. Dentro desse quadro, Simone Bignall (2008) concebe o afeto como força produtiva fundamental, defendendo uma “ética da alegria” em que desejo (*conatus*) e afeto são princípios causais primordiais, contra abordagens que reduzem o desejo a um efeito do poder. Read (2016) avança nessa direção a partir de *O Anti-Édipo*, sustentando que o afeto é inerentemente anti-individualista e social – uma intensidade impessoal e pré-discursiva que antecede e excede a emoção, entendida esta última como a fixação sociolinguística subjetiva daquela intensidade.

Andreja Zevnik (2016, 2017) desenvolve uma crítica ontológica que integra corporeidade e afetos a uma teoria da subjetividade política, sintetizando Deleuze e Lacan em um quadro “Lacano-Deleuziano” (*Lacanuze*). Seu trabalho desafia o legado cartesiano, propondo uma subjetividade anticartesiana e explorando conceitos como lei, corpo e vida para fundamentar uma noção alternativa de existência legal e política. Zevnik sustenta que, embora o corpo seja um efeito da estrutura, seus afetos são cruciais e não podem ser negligenciados, fornecendo assim o fundamento ontológico para que afeto e corporeidade sejam vistos como elementos produtivos da política. Contudo, em sua obra, os conceitos de Lacan frequentemente fornecem o alicerce estrutural para a análise, enquanto Deleuze aporta o impulso emancipatório.

Ty Solomon (2012, 2014, 2018, 2019, 2023; Holland e Solomon, 2014) oferece uma contribuição fundamental ao explorar como o afeto impessoal se manifesta em contextos macropolíticos e de segurança, e como é mobilizado (“nomeado”) por discursos políticos. Sua

“abordagem micropolítica” (Solomon; Steele, 2017), conecta experiência corporal, cognição e estruturas sociais. Solomon (2014, 2019) estabelece uma distinção crucial: o afeto é uma experiência difusa e inconsciente, enquanto a emoção surge quando este afeto “extradiscursivo” é traduzido em significantes reconhecíveis no discurso. Seu conceito de “investimento afetivo” (*affective investment*) é central para entender a eficácia do *soft power*, explicando o vínculo que ancora os sujeitos a identidades e discursos.

Por fim, Angharad Closs Stephens (2015, 2024) introduz e desenvolve o conceito de atmosferas afetivas, priorizando o estudo dos sentimentos coletivos e da corporeidade como forças que sustentam o nacionalismo e moldam a subjetividade política. Ela investiga como noções de pertencimento e exclusão ganham autoridade através de forças não discursivas vivenciadas no cotidiano. Stephens (2024) conceitua as atmosferas como forças difusas, coletivas e frequentemente inconscientes, entendidas como transmissões entre corpos humanos e não-humanos. Essa abordagem sugere que os sentimentos nacionais se instalam nos “tecidos moles do afeto, emoção, hábito e postura” (2015, p. 2), permitindo analisar a persistência do nacionalismo através de vivências corpóreas e ambientais.

Em síntese, a distinção fundamental reside no objeto analítico primário. O primeiro eixo emprega D&G para construir modelos materialistas de macroestruturas (Estado, capitalismo, soberania), perguntando “como o mundo internacional é montado e desmontado?”. O segundo eixo fundamenta a experiência subjetiva e corpórea como fonte do poder, perguntando “como os corpos são afetados e como essas afecções compõem o internacional?”. Ambos são deleuzianos, mas o primeiro dissecar a anatomia dos agenciamentos internacionais, enquanto o segundo ausculta seu pulso sensível e visceral. Essa cartografia da recepção de Deleuze e Guattari nas RI revela um campo plural, no qual a vertente micropolítica e afetiva se destaca como uma das intervenções mais férteis para repensar os fundamentos da política internacional. Delimitado esse território teórico, o artigo volta-se agora para o potencial crítico e analítico dessa linhagem. Se suas implicações ontológicas são profundas, suas consequências para a crítica da política internacional são ainda mais contundentes. A virada afetiva fornece um instrumental decisivo para desnaturalizar um pilar ideológico central de nosso tempo: a figura do *homo economicus* e a atmosfera política que ele sustenta. A pergunta que se segue, portanto, deixa de ser “quem usa Deleuze e como?” para se tornar: o que ganhamos, concretamente, ao adotar essa perspectiva para iluminar as dinâmicas do poder, do conflito e do pertencimento no mundo contemporâneo?

POR QUE O AFETO IMPORTA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS?

O construtivismo de Alexander Wendt, embora tenha desnaturalizado a política internacional ao demonstrar a construção social da anarquia e interesses, permanece vinculado a dualismos metafísicos limitantes. Ancorado no realismo científico, postula atores unitários com propriedades essenciais anteriores à interação social, reafirmando a cisão mente-corpo que exclui a dimensão psíquica e sensível da análise (Zehfuss, 2002). Essa abordagem, como argumenta Ross (2006), obstrui o estudo do afeto e seu papel na vida social. Enquanto o construtivismo pergunta

“o que as ideias significam?”, a virada afetiva pergunta “o que os afetos fazem?”. A primeira questão ancora a análise no domínio da cognição; a segunda, no domínio da força e transformação corporal pré-consciente. É precisamente nesta lacuna que a virada afetiva insurge, radicalizando o projeto construtivista através de uma revolução ontológica. Enquanto Wendt sociologiza a interpretação dos fatores materiais – argumentando que capacidades militares ou recursos adquirem significado apenas através de estruturas intersubjetivas –, a virada afetiva, inspirada pelo realismo agencial e abordagens neomaterialistas (Barad, 2007), redefine o próprio estatuto da matéria. A questão central desloca-se de “que significado os atores atribuem aos recursos?” para “como a matéria corporal, em seu devir intra-ativo, constitui as próprias condições de possibilidade do político?”.

Esta guinada ontológica responde não apenas à limitação apontada por Nugroho (2008) – a ausência de uma teoria causal robusta para a formação de identidades – mas especialmente à insuficiência em explicar as forças pré-reflexivas e materiais que antecedem e excedem a construção discursiva. Como sugerem Athanasiou *et al.* (2008), é preciso passar de um corpo entendido como mero substrato de inscrições sociais para uma “matéria” corporal vibrátil. Nesse movimento, configura-se a substituição da “metafísica das coisas” por uma “metafísica dos fenômenos”, na qual a agência emerge como uma força dinâmica simultaneamente cognitiva, psíquica, afetiva e sensual. Para precisar este deslocamento, é crucial distinguir os regimes de materialidade em jogo. A crítica identificada por Nugroho (2008) não acusa Wendt de ignorar fatores materiais – afinal, ele mesmo os incorpora ao argumentar que “o mundo material está sempre sombreando o mundo social”. O cerne da questão reside, antes, no modo como Wendt sociologiza a matéria: transformando fatores como poder militar e recursos em elementos que adquirem significado apenas através de estruturas intersubjetivas. O problema, portanto, não é a negação do material, mas a incapacidade de abordar a complexidade total e o poder coercitivo imanente à matéria, para além de sua significação intersubjetiva.

É precisamente nessa lacuna que a virada afetiva se posiciona, focalizando uma materialidade interna, viva e relacional que precede e excede a construção de significado: a potência corporal de afetar e ser afetado. Se Wendt sociologiza recursos externos, a virada afetiva investiga como a matéria corporal, em seu devir intra-ativo, constitui as próprias condições de possibilidade do político. Essa divergência ontológica fundamental – entre o realismo científico de Wendt, que postula atores unitários em uma realidade independente, e a ontologia relacional da virada afetiva, que entende os fenômenos (corpos e afetos) como emergentes de processos de intra-ação (Barad, 2007) – responde diretamente à lacuna do poder coercitivo. Enquanto a abordagem wendtiana, ao reduzir o material ao significado intersubjetivo, não explica como estruturas materiais constroem para além da percepção, a virada afetiva, ao reconceitualizar a matéria como força ativa, oferece ferramentas para analisar tanto a dimensão sensível do poder quanto seus efeitos materiais brutos, contribuindo para superar a dicotomia entre coerção e sentido. Daí decorre uma última e crucial divergência, agora metodológica: se Wendt busca mecanismos causais em uma realidade externa (Checkel, 1998), a virada afetiva investiga

causalidades intra-ativas e não-lineares, nas quais matéria e significado se co-constituem mutuamente.

Longe de recair no essencialismo biológico temido pela virada linguística, a aproximação da virada afetiva com as ciências biológicas e cognitivas opera por uma lógica neomaterialista, que concebe a matéria como plasticamente aberta, histórica e contingente. Ela não busca uma “verdade” biológica fixa, mas as condições de possibilidade materiais, mutáveis e relacionais para a emergência do sentido e do político. Enquanto o construtivismo de Wendt separa a realidade social da consciência para objetivá-la, a virada afetiva dissolve essa cisão, mostrando como a “realidade” é uma composição afetiva e corporificada, intrinsecamente ligada à experiência de ser e sentir (Barad, 2007).

Esse movimento revela uma lacuna ontológica fundamental não apenas no construtivismo, mas na teoria das RI de forma mais ampla: a questão do próprio “real” raramente é problematizada. A disciplina parece operar com um pressuposto metafísico que estabelece uma fronteira nítida entre um “mundo real” (dotado de primazia) e um domínio da “ficção” ou da “mente” (visto como ilusório ou artificial). Essa divisão, reforçada pela busca de um estatuto de ciência social empírica, produz um corte epistemológico que exclui a dimensão psíquica e corporal, tratando a mente e o corpo como esferas separadas. A pergunta que se impõe, portanto, é: o que conta como “real” nas Relações Internacionais? A virada afetiva responde que emoções como medo, ressentimento, orgulho e esperança não são meras reações individuais, mas componentes fundamentais da realidade social internacional, constitutivos da forma como comunidades políticas se formam, projetam ameaças e constroem alteridades.

Ao reposicionar a experiência afetiva como constitutiva do real, a virada afetiva fornece um ângulo de ataque decisivo para desnaturalizar a figura do *homo economicus*. Como sintetiza Ruth Leys (2011, p. 436), “nós, seres humanos, somos criaturas corpóreas imbuídas de intensidades e ressonâncias afetivas subliminares” que condicionam decisivamente crenças e ações. Essa constatação expõe decisões racionais e cálculos de interesse como a “ponta de um iceberg” de processos não conscientes, explicando o paradoxo central da política afetiva: sujeitos podem lutar fervorosamente por aquilo que é objetivamente contrário aos seus interesses.

Essa crítica ganha urgência no contexto do neoliberalismo hegemônico. A construção do consenso pós-político (Mouffe, 2019) e a “atmosfera penetrante” do realismo capitalista (Fisher, 2020) dependem da produção de um sujeito-empresa. O *homo economicus* neoliberal não é uma verdade antropológica, mas um ideal regulatório afetivo: uma subjetividade que internaliza a lógica do custo-benefício e é interpelada a gerir seus próprios desejos como capital. A virada afetiva, portanto, é mais que um instrumento analítico; é uma ferramenta analítica crítica de desmontagem dessa engrenagem. Ela revela como o poder contemporâneo opera menos pela coerção direta e mais pela modulação de atmosferas afetivas – da excitação maníaca dos mercados, pelo medo securitizado, ao fardo da auto-otimização – que reproduzem o *homo economicus* não como um dado, mas como um efeito. Compreender essa lógica é o primeiro passo

para contestar a naturalização do realismo capitalista e imaginar formas de vida política para além do cálculo.

Para operacionalizar essa crítica e demonstrar o potencial analítico da virada afetiva, adotamos uma perspectiva metodológica reflexivista no emprego dos estudos de caso que se seguem (Lai e Roccu, 2019). Isso significa que fenômenos como a Guerra ao Terror, a formação de comunidades pós-trauma ou a mobilização da extrema-direita, como veremos a seguir, não são tratados como “casos” no sentido positivista – instâncias para teste e generalização –, mas como objetos teoricamente construídos que emergem de nosso engajamento com o campo. Nossa análise é, portanto, situada e interpretativa: guiada pelo arcabouço espinozista-deleuziano, buscamos estender a investigação da micropolítica dos afetos (experiência corporal, atmosferas) para revelar suas interconexões com macroestruturas de poder e dinâmicas transnacionais. O objetivo não é ilustrar passivamente a teoria, mas permitir que os encontros com esses fenômenos complexos reconstruam e detalhem nossa compreensão de como os afetos, como forças pré-discursivas, constituem o político. É essa consistência entre ontologia relacional, epistemologia interpretativa e método reflexivo que permite desvendar a dimensão sensível do poder internacional.

Para demonstrar o alcance e a versatilidade analítica desta abordagem, selecionamos dois estudos de caso estratégicos: a mobilização do medo após os atentados de 11 de setembro de 2001 e a mobilização transnacional da extrema-direita contemporânea (com ênfase nos eventos no Capitólio dos EUA em 2021 e nos ataques às sedes dos Três Poderes no Brasil em 2023). A escolha conjunta justifica-se por uma estratégia de contraste produtivo que busca, a partir de uma lente teórica comum (a virada afetiva), iluminar dinâmicas afetivas constitutivas do político em contextos radicalmente distintos. Os casos convergem analiticamente ao revelarem, de maneira paradigmática, como o poder opera fundamentalmente pela modulação de atmosferas afetivas (medo, ressentimento, desejo de proteção) e pela tradução discursiva de afetos difusos em emoções politicamente mobilizáveis, forjando lealdades que escapam ao cálculo racional de interesses. No entanto, divergem em seus regimes de significação e na natureza das ameaças construídas: o primeiro é um caso de securitização clássica e reação a um evento traumático externo, onde o Estado (EUA) atua como protagonista na nomeação do afeto; o segundo é um fenômeno de politização identitária reativa e desconfiança institucional endógena, em que lideranças populistas canalizam afetos pré-existentes de mal-estar social contra as instituições estatais. Analisá-los em conjunto amplia a capacidade explicativa da abordagem, mostrando que a gramática afetiva do poder não se restringe a um tipo de ator (Estado vs. movimento) ou contexto (crise vs. cotidiano), mas constitui um eixo transversal para compreender desde a macropolítica de segurança até as micropolíticas da identidade e do pertencimento na era digital.

O primeiro caso – a resposta aos atentados de 11 de setembro e a construção da “Guerra ao Terror” – ilustra com clareza o processo de tradução e captura afetiva liderado pelo aparato estatal. Como mostra Solomon (2012), entre outros estudos sobre o discurso da guerra ao terror (Hall e Ross, 2015), o medo foi utilizado para justificar políticas de segurança excepcionais,

redefinir inimigos e legitimar intervenções militares. Solomon (2012) argumenta que, enquanto o afeto é uma experiência amorfa e frequentemente inexprimível, fora do domínio do discurso, a emoção surge quando esses afetos são articulados e nomeados dentro do discurso como significantes reconhecíveis. Após os atentados de 11 de setembro, a resposta afetiva inicial de muitos americanos foi de choque e inexpressibilidade, descrita como “indescritível”, em que as emoções convencionais, como a raiva, não eram sentidas de imediato porque o evento em si era inacreditável. Foi o surgimento e a dominância de discursos, como o da “Guerra ao Terror”, que começou a preencher esse “vazio de significado”, articulando esses estados afetivos indeterminados e traduzindo-os em emoções nomeáveis e mobilizáveis, como o medo, mas também vingança ou indignação, como mostrado em entrevistas da época. Essa tradução do afeto para a emoção através do discurso, atuando como uma espécie de “tradução” que molda a experiência original, foi fundamental para a ressonância e a eficácia política do discurso da Guerra ao Terror, pois permitiu que o público se tornasse afetivamente investido nos significantes chave desse discurso.

Nesse contexto, o medo deixou de ser apenas uma reação psicológica e passou a operar como um regime afetivo estruturante das relações internacionais, moldando práticas diplomáticas, alianças estratégicas e formas de exclusão. Podemos observar, com base no quadro teórico da virada afetiva, que a resposta inicial ao 11 de setembro não foi apenas discursiva, mas profundamente corporal e afetiva: a comoção visceral, o choque e a indeterminação afetiva precederam a nomeação política do evento como “Guerra ao Terror”. Esse processo de tradução do afeto em emoção politicamente mobilizável (o medo securitizado) o mecanismo central de convergência entre os casos: a captura e modulação de atmosferas afetivas para forjar lealdades. No entanto, a especificidade deste primeiro caso reside no agente que lidera essa tradução – o aparato estatal – e no tipo de ameaça construída – externa e traumática. Essa análise demonstra como a virada afetiva permite decifrar a produção de subjetividades e consensos de modo mais complexo do que permitiriam abordagens puramente discursivas (que ignoram a dimensão pré-consciente) ou racionalistas (que negligenciam a força dos investimentos afetivos).

Outro exemplo é o trabalho de Hutchison (2016) que examina como eventos traumáticos podem constituir formas de comunidade na política mundial, e assim, o conceito de “comunidades afetivas” é introduzido para descrever as comunidades que são necessariamente constituídas e distinguidas por formas sociais e coletivas de sentimento e que surgem após eventos traumáticos. Essas comunidades são produzidas ou preservadas, pelo menos em parte, por processos emocionais. Dessa forma, questiona a visão comum de que o trauma é uma experiência individual e isoladora. Em vez disso, explora como o trauma, apesar de parecer uma experiência solitária, pode construir vínculos entre indivíduos. Essa construção de vínculos acontece através do contexto social e político em que o trauma ocorre e ganha significado. Através de processos de contar e recontar, o trauma pode se transformar em um fenômeno que ajuda a constituir identidades e a unir formas de comunidade política. As representações – como imagens da mídia, narrativas históricas e discursos políticos – são fundamentais para tornar os eventos traumáticos

coletivamente significativos, uma vez que mobilizam significados emocionais socialmente enraizados, o que permite que vítimas diretas e testemunhas compartilhem a dor e a perda de uma maneira que afirme um senso particular de identidade coletiva. As representações fornecem uma estrutura através da qual o trauma pode se tornar um fenômeno significativo para muitas pessoas e podem, portanto, ajudar a constituir laços entre indivíduos, iluminando como e a quem os indivíduos se sentem emocionalmente ligados.

A importância do afeto nas RI também pode ser percebida, como sugere Stephens (2022), ao explorarmos como a nação e o ato de ser político se manifestam na vida cotidiana através das “atmosferas afetivas”. Ao procurar desenvolver outras formas de entender o que significa ser político, baseadas em experiências “intermédias” (*in-between*) e que vão além da linguagem e dos conceitos do Estado-nação, Closs Stephens busca compreender como a força afetiva da nação é crucial para abordar a forma como o nacionalismo perdura e ressurge na política global. Os “afetos nacionais” refere-se tanto às ideias dominantes sobre identidades fixas e pertencimento que nos rodeiam, quanto às conexões afetivas com lugares, pessoas e cultura, valorizando a vulnerabilidade, a ambivalência e as formas plurais de estar junto. A partir disso, é possível pensar sobre como se estabelecem políticas de hospitalidade e acolhimento. A compaixão por refugiados, por exemplo, pode ser performada publicamente como um gesto de abertura, ao mesmo tempo em que emoções como o medo da “invasão” são instrumentalizadas para reforçar fronteiras e endurecer políticas migratórias. Nesse caso, os afetos não apenas explicam decisões políticas, mas também ajudam a compreender os valores culturais, os imaginários e as ansiedades coletivas que moldam essas escolhas.

Assim, a virada afetiva permite repensar o conceito de poder nas RI. Não se trata apenas de poder como dominação coercitiva ou controle institucional, mas também como capacidade de afetar e ser afetado — de moldar atmosferas emocionais, de produzir sensibilidades e de inscrever afetos nos corpos e nos territórios. Os afetos, nesse sentido, se inscrevem nos corpos e nos espaços, constituindo atmosferas políticas que condicionam o agir e o político. Ao deslocar o foco da razão instrumental para a sensibilidade, a virada afetiva abre caminho para análises mais complexas e situadas da política internacional. Ela nos convida a considerar que a cultura — enquanto repertório simbólico e afetivo — não é apenas pano de fundo, mas uma força ativa que modela os modos de existir, resistir e imaginar o mundo.

Se os casos da Guerra ao Terror e das atmosferas afetivas nacionais ilustram a modulação de afetos por e para estruturas de poder estabelecidas (seja o Estado securitizante, seja o sentimento nacional), a mobilização da extrema-direita global no século XXI revela uma dinâmica afetiva distintamente reativa e *anti-establishment*. Aqui, a mesma gramática de tradução de afetos difusos em emoções mobilizáveis é canalizada contra as instituições estatais e os consensos políticos vigentes. Um exemplo paradigmático da potência explicativa da virada afetiva pode ser extraído da análise dos movimentos de extrema-direita global e de eventos como a invasão ao Capitólio estadunidense em 2021 e os ataques às sedes dos Três Poderes no Brasil em 2023. Estes episódios não podem ser plenamente compreendidos por lentes que priorizam o cálculo racional

de interesses ou a adesão a ideologias coerentes. Em vez disso, eles revelam uma lógica afetiva de mobilização política na qual líderes como Donald Trump e Jair Bolsonaro operam como nós centrais em um agenciamento de medo, desejo e identificação.

Nesse enquadramento, a figura do líder é construída discursivamente não como um mero administrador, mas como um escudo protetor contra um inimigo que encarna o pesadelo por excelência – seja a “ameaça globalista” e a “fraude eleitoral”, no contexto norte-americano, seja o “comunismo” e a “ditadura do Judiciário”, no contexto brasileiro. Essa operação não é primordialmente ideológica, no sentido de um sistema de ideias, mas intensivamente afetiva. Ela trabalha na produção de um medo difuso e visceral – um afeto de ameaça iminente à ordem social, à identidade nacional e à segurança corporal – que é, em seguida, canalizado e nomeado pelo discurso do líder. Como argumenta Massumi (2002), o afeto é uma intensidade pré-pessoal que precede e excede a qualificação emocional. O discurso político, neste caso, atua capturando essa intensidade amorfa e traduzindo-a em uma emoção politicamente mobilizável: o medo do “outro” que justifica a adesão incondicional ao protetor. A materialização dessas forças afetivas tornou-se visível nos ataques aos capitólios em Washington e Brasília. Essas não foram apenas ações táticas; foram a expressão corporal e coletiva de uma atmosfera afetiva de ressentimento, verdadeiramente “indizível” em termos puramente discursivos, que encontrou uma via de descarga na ocupação violenta dos símbolos materiais da democracia liberal. Os corpos, reunidos e co-afetados no espaço, performavam a lealdade ao líder e a rejeição ao sistema que ele simbolizava combater.

Análises racionalistas não captam a contradição inerente ao racionalismo professado por esses movimentos. No caso brasileiro, os autodenominados “patriotas” que atacaram os símbolos da pátria ostentavam, com igual fervor, bandeiras dos Estados Unidos e de Israel. Esta incongruência só é decifrável através de uma chave afetiva e transindividual. A aliança não é com Estados-nação como entidades políticas ou jurídicas, mas com significantes afetivos que compõem uma comunidade imaginada transnacional. Trump e a bandeira israelense não representam nações estrangeiras no sentido diplomático; eles funcionam como símbolos de uma identidade reativa global, são *alianças afetivas*, um campo de força afetiva que se define contra um inimigo comum universalizado – o “globalismo”, o “marxismo cultural”, as “elites cosmopolitas”. A lealdade, portanto, não é a um projeto nacional racional, mas a potência de afetar e ser afetado por uma comunidade de “guerreiros” em uma guerra cultural global.

Figura 1- Vista aérea mostra apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro carregando uma enorme bandeira dos EUA em ato na Avenida Paulista, em SP, no 7 de setembro de 2025.



Fonte: Foto: Nelson Almeida/AFP / G1 (2025)

Figura 2 - Bandeira de Israel em manifestações do presidente Jair Bolsonaro no dia 03 de maio de 2020.



Fonte: NurPhoto / NurPhoto via Getty Images / O Globo (2020)

Esse arcabouço teórico permite reformular a clássica questão espinosiana, resgatada por Deleuze e Guattari (2012), de “o que pode um corpo?”. A potência de um corpo – seja individual ou coletivo – não reside em suas funções orgânicas pré-determinadas, mas na sua capacidade de afetar e ser afetado, ou seja, nos encontros que pode estabelecer e nas intensidades que o atravessam. A famosa imagem do carrapato em *Mil Platôs*, que age a partir de três afetos específicos (luz, odor, impulso), ilustra que compreendemos um corpo pelos agenciamentos que o compõem e pelas forças relacionais que o constituem. Esta é, em última instância, uma concepção ético-política da corporeidade, centrada na composição de afetos como chave para a potência de existir.

É precisamente aqui que se revela a utilidade decisiva de uma abordagem analítica dos afetos para as Relações Internacionais: ela fornece as ferramentas para decifrar o aparente paradoxo de que indivíduos e coletividades podem ansiar, com profundo desejo, por aquilo que é objetivamente desfavorável ou mesmo prejudicial aos seus próprios interesses. Os fenômenos de mobilização política analisados anteriormente, nos quais o medo é convertido em adesão fervorosa a líderes que se apresentam como protetores, são a encenação contemporânea do que Espinosa identificou como o grande segredo da política: a capacidade de fazer com que os homens “ludem por sua servidão como se fosse sua salvação”. A servidão, nesta chave, é redefinida como a impotência para regular os afetos que nos constituem, levando-nos a agir, conscientes do melhor, mas compelidos a realizar o pior.

Dessa forma, a virada afetiva desloca a análise do plano dos cálculos racionais e das identidades discursivas fixas para o plano das forças impessoais e relacionais que determinam o que um corpo (seja ele um indivíduo, um movimento social ou uma nação) deseja e no que ele pode se transformar. Ela não apenas explica por que as pessoas seguem líderes contra seus interesses, mas desvenda os mecanismos afetivos através dos quais tais lealdades são forjadas e sustentadas, oferecendo uma chave fundamental para compreender as novas gramáticas do poder e do pertencimento na política global. A análise desses eventos à luz da virada afetiva demonstra que as dinâmicas políticas contemporâneas são intensamente conduzidas por economias de afeto que circulam e se conectam para além das fronteiras nacionais. Compreender essa captura afetiva é essencial para desvendar as novas gramáticas do poder e do pertencimento em um mundo onde a força de um movimento político pode residir menos na coerência de seu programa e mais em sua capacidade de canalizar, de forma eficaz, os afetos que percorrem o corpo social. A capacidade da virada afetiva para desvendar tais dinâmicas complexas evidencia a necessidade de repensarmos não apenas nossos objetos de estudo, mas as próprias bases epistemológicas e metodológicas da pesquisa em Relações Internacionais, tema que exploraremos a seguir.

UMA NOVA EPISTEMOLOGIA NAS RI: AGENDA DE PESQUISA A PARTIR DA VIRADA AFETIVA

Se a virada afetiva nos oferece uma ontologia relacional e uma crítica contundente ao *homo economicus* e às limitações do construtivismo de base linguística, seu desafio maior reside em suas implicações epistemológicas e metodológicas para as Relações Internacionais. A premissa central é a de que os afetos —entendidos como forças pré- conscientes, corporais e transindividuais— são constitutivos do político, e não meros epifenômenos. Isto coloca um problema fundamental: como investigar empiricamente aquilo que, por definição, escapa à observação direta e à narrativa consciente?

A resposta não está em classificar o afeto como inacessível, mas em adotar uma ontologia que rejeita a dicotomia tradicional entre o observável e o inobservável, focando-se em seus traços empíricos e efeitos relacionais. Investigar essa dimensão exige um programa de pesquisa que redefina a epistemologia das RI, integrando o corpo, o sensorial e o relacional através de uma

metodologia pluralista. Esta seção busca, portanto, delinear os contornos dessa agenda, traduzindo o potencial teórico da virada afetiva em caminhos investigativos viáveis para o campo.

O ponto de partida fundamental, herdado de Espinosa e revitalizado por Deleuze, é a potência da teoria dos afetos para elucidar a contradição fundamental entre desejo e interesse. Como lembra Espinosa (2014, p.46), os seres humanos podem ser conduzidos “a lutar por sua servidão, como se se tratasse de sua salvação”. Este paradoxo – em que o desejo é capturado por forças que contradizem o interesse aparente do sujeito – constitui um enigma central para uma RI que se pretenda crítica. A virada afetiva oferece as ferramentas para desvendar esse enigma, deslocando a análise do plano dos cálculos conscientes e das identidades discursivas fixas para o plano das forças impessoais que constituem o que um corpo pode e deseja. Nesse sentido, ela não é um acessório temático, mas um convite a uma reorientação na disciplina: em vez de partir de atores racionais com interesses dados, propõe-se partir de corpos (individuais e coletivos) em sua potência de afetar e ser afetados, e dos agenciamentos que daí resultam.

Para operacionalizar essa revolução, propomos quatro eixos interligados de pesquisa. Um primeiro eixo dedica-se ao desenvolvimento de metodologias da sensibilidade e da corporeidade. Este eixo dedica-se a superar o viés cognitivista, desenvolvendo métodos capazes de acessar a dimensão pré-reflexiva da política internacional. O desafio de investigar o afeto que circula além do registro discursivo consciente exige reconhecer sua natureza fugidia e não-representacional (Hutchison, 2016). Inspirado no empirismo radical de John Dewey e William James (Ross, 2020a), este programa vê as emoções não como objetos obscuros, mas como elementos sensoriais vívidos da experiência humana vivida. A metodologia deve, portanto, focar em sintomas e processos dinâmicos, e não em “coisas” estáticas (Hor, 2020; Rythoven e Solomon, 2020), rastreando a transformação de experiências afetivas ambíguas e transitórias em emoções coletivas coerentes que se tornam construções políticas e sociais (Hall e Ross, 2019).

Um segundo eixo crucial envolveria técnicas metodológicas para capturar a intensidade corporal. Para investigar a intensidade corporal e as atmosferas emocionais em contextos complexos (cúpulas diplomáticas, campos de refugiados, protestos políticos), é necessária uma abordagem pluralista e engajada. A etnografia crítica é crucial para entender a lógica das práticas e a dimensão corporal do político (Juris e Khasnabish, 2015). Ao se posicionar no fluxo da atividade, o pesquisador utiliza observação participante e entrevistas narrativas para capturar emoções e experiências vividas, investigando a composição e decomposição de comunidades e ordens sociais (Acuto e Curtis, 2014). Complementarmente, a autoetnografia permite que o pesquisador use sua própria experiência corporal e emocional como fonte de conhecimento (Chang, 2016), tornando visível e politizando o que é geralmente relegado ao domínio privado (Auchter, 2020). Este método exige incorporar sensibilidades éticas e emocionais, gerando perspectivas sobre o mundo político a partir de uma ética da pesquisa engajada.

A análise de imagens visuais (fotografias, filmes, arte) e outros artefatos (Koschut, 2020a; Martins, 2024) é igualmente crucial, pois são mecanismos pelos quais as emoções individuais adquirem dimensão coletiva. A análise de discurso sobre esses artefatos pode revelar conotações

emocionais implícitas e como expressões não-linguísticas (gestos, performances) ajudam a produzir significados e ideologias (Koschut, 2020b). Para entender a circulação e o efeito em espiral das representações emocionais (Lupovici, 2020), o rastreamento de processo (*process tracing*), pode mapear como as representações afetivas influenciam o comportamento dos atores e geraram dinâmicas políticas.

Um terceiro eixo envolveria uma cartografia de agenciamentos afetivos transnacionais, visto que os afetos circulam para além das fronteiras nacionais, constituindo comunidades políticas inéditas (Hutchison, 2016). Este eixo propõe mapear esses agenciamentos, investigando como símbolos, figuras e bandeiras (como os de Trump ou Israel em atos bolsonaristas) são investidos afetivamente, mobilizando e organizando coletividades. O poder desses significantes reside em sua capacidade de ativar “regras de sentimento” (*feeling rules*) que delineiam o “nós” e o “eles” (Koschut, 2020b). Figuras como Trump transcendem lealdades nacionais tradicionais ao ativar uma identidade coletiva baseada em obrigações e direitos emocionais que se sobrepõem às fronteira (Gustafsson e Hall, 2021).

A afetividade coletiva emerge por três vias principais: de baixo para cima (*bottom-up*), a partir da convergência de preocupações e identidades individuais compartilhadas; horizontalmente, por meio de processos de contágio e espelhamento; e de cima para baixo (*top-down*), através da harmonização social e da governança emocional institucional (Hall e Ross, 2015, 2019). Crises globais atuam como catalisadores, gerando ondas afetivas de alta intensidade que, embora possam ser transitórias, têm o poder de reconfigurar disposições sociais e agendas de preocupação de longo prazo. O foco da investigação, portanto, deve ser duplo: primeiro, compreender como se geram as “estruturas de sentimento” (*feeling structures*) – ou seja, os conjuntos institucionalizados de normas emocionais que delimitam a experiência afetiva legítima; e segundo, analisar como se estabelecem hierarquias de deferência emocional, que definem quem tem o direito social de sentir o quê e quais afetos são publicamente valorizados ou silenciados (Gustafsson e Hall, 2021). O estudo se concentra, portanto, na micropolítica do agenciamento, onde o poder reside precisamente nos fluxos afetivos que produzem capacidades e constrangimentos em corpos e coletividades. As plataformas digitais constituem um terreno privilegiado para essa cartografia, pois não apenas aceleram e amplificam a expressão emocional viral, reconfigurando a intimidade social, mas também capacitam – através da linguagem expressiva e da seleção algorítmica – a formação de novas comunidades políticas (Ross, 2020b). A análise deve, assim, rastrear como esses mecanismos influenciam as estruturas de sentimento vigentes e podem gerar a base afetiva para reivindicações políticas inesperadas.

Por fim, um quarto eixo proporia uma crítica das economias políticas do afeto. Este eixo investiga como o poder contemporâneo opera através da modulação direta dos afetos. Na era neoliberal, o poder não apenas reprime, mas produz subjetividades, induzindo e seduzindo os indivíduos a se autogovernarem emocionalmente de acordo com a lógica do mercado. Trata-se de analisar, na esteira do “realismo capitalista” de Mark Fisher, como instituições internacionais e Estados administram populações através do medo, da esperança ou da vergonha. Este eixo

examinaria, por exemplo, como a linguagem da resiliência e do empreendedorismo, central à governança neoliberal, constitui uma tecnologia de poder que atua diretamente sobre a vida afetiva, transformando o sujeito em gestor de seu próprio capital emocional.

Em síntese, a virada afetiva representa muito mais que um acréscimo temático: é uma reorientação epistemológica profunda. Ela convida a um questionamento crítico das explicações exclusivamente centradas no interesse e no discurso, ampliando o foco analítico para as forças pré-conscientes e relacionais que nos constituem e põem em movimento. Ao operar esse deslocamento, ela revisita os fundamentos da disciplina e reposiciona a experiência vivida – em sua dimensão sensível, corporal e desejante – como elemento central para uma compreensão mais densa e situada do internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos demonstrar que, se o afeto é, de fato, o “fio condutor da experiência” (Massumi, 2002), a virada afetiva de matriz espinozista-deleuziana fornece as lentes necessárias para acompanhar seu trajeto e desvendar seu funcionamento na política mundial. Partindo da pergunta guia – de que maneira uma teoria dos afetos pode contribuir para pensar a política e, em específico, as Relações Internacionais? –, este trabalho buscou apresentar e sistematizar essa contribuição para o público brasileiro de RI. Esta proposta se insere no âmbito da pesquisa recente em RI que demonstra como afetos e emoções unem, para além de aliados, comunidades e os próprios Estados. Essa abordagem contrasta radicalmente com a forma como a disciplina foi tradicionalmente concebida – seja como um empreendimento realista focado na política de poder interestatal, seja como um jogo de cálculo realizado por atores racionais. Ambas as perspectivas tradicionais negligenciam as emoções como motivações centrais para o comportamento, assim como a circulação transnacional de significantes que viabilizam e mobilizam esses sentimentos globalmente, frequentemente descartados como meros “desvios da racionalidade” (Solomon e Steele, 2017, p. 3).

A virada afetiva desafia esses pressupostos arraigados, contestando a primazia da razão instrumental, a centralidade incontestada do Estado e a redução da subjetividade a cálculos estratégicos. Para tanto, o artigo organizou sua contribuição em quatro movimentos. Primeiro, ao delinear os fundamentos da virada afetiva, demarcamos seu rompimento com os dualismos mente-corpo e sua contribuição para questionar a hegemonia da virada linguística, posicionando o afeto como uma força relacional, pré-consciente e corpórea, anterior à linguagem e à racionalidade. Em segundo lugar, ao cartografar a recepção de Deleuze e Guattari nas RI, foi possível isolar e detalhar a linhagem micropolítica e afetiva, distinta das apropriações macropolíticas, mostrando como autores como Solomon, Zevnik e Stephens colocam o *affectus* espinosiano no centro da análise do poder e da subjetividade. A terceira contribuição residiu em operacionalizar essa perspectiva, demonstrando sua potência analítica para iluminar fenômenos que escapam às lentes racionalistas e construtivistas. Através de casos como a Guerra ao Terror, a formação de comunidades afetivas pós-trauma e a mobilização transnacional da extrema-

direita, ficou evidente que a política internacional é intensamente conduzida por economias de afeto que circulam e capturam corpos, forjando lealdades e antagonismos que não se reduzem a cálculos de interesse ou a sistemas ideológicos coerentes. Por fim, o quarto movimento traduziu essa ontologia em uma agenda de pesquisa concreta, propondo eixos metodológicos – das etnografias da sensibilidade à cartografia de agenciamentos transnacionais e à crítica das economias políticas do afeto – para investigar empiricamente a dimensão sensível do internacional.

A síntese que emerge deste percurso, e a relevância central da virada afetiva para o estudo da cultura na política mundial, é tripla. Primeiro, ela desloca a análise da cultura do registro exclusivo do discurso e da ideologia para o registro da experiência corporal e sensível, mostrando como normas e identidades são sentidas antes de serem pensadas. Segundo, ela revela a cultura como um terreno de disputa afetiva, em que emoções como medo, compaixão, ressentimento e esperança são mobilizadas para produzir consenso, forjar comunidades ou excluir alteridades. Por fim, ao focar em atmosferas, agenciamentos e economias políticas do afeto, a virada afetiva fornece as ferramentas para analisar a cultura política como um fenômeno transnacional e rizomático, que escapa e se reconecta para além dos contornos dos Estados-nação, como demonstram os movimentos de extrema-direita global. Dessa forma, a cultura deixa de ser um epifenômeno da política para ser compreendida como a textura mesma na qual o poder internacional se exerce e é contestado.

A contribuição da virada afetiva é, antes de tudo, ontológica e epistemológica. Ela nos obriga a repensar o que conta como “real” e como “político” nas RI, deslocando o foco de atores racionais e estruturas discursivas fixas para corpos (individuais e coletivos) em sua potência de afetar e ser afetados. Ao desenvolver uma abordagem transindividual da política, ela escapa às aporias do individualismo e do holismo, permitindo abordar a relação entre experiência emotiva (consciente e inconsciente) e a vida pública. A figura do *homo economicus* é, assim, desnaturalizada, revelando-se como um ideal regulatório afetivo, e não uma verdade antropológica. Desse modo, este artigo não apenas cumpriu o objetivo de introduzir e sistematizar os principais conceitos e debates da virada afetiva espinozista-deleuziana, mas também reposicionou a experiência vivida – em sua dimensão sensível, corporal e desejante – como o cerne de uma nova compreensão do internacional. A aposta é que esta perspectiva abre um campo fértil para investigações futuras no Brasil, capaz de capturar a textura afetiva de fenômenos tão diversos quanto o ativismo digital, as políticas de fronteirização (*bordering*), os fluxos migratórios e as ressonâncias do poder neoliberal. Compreender as forças que realmente nos compõem e movem é o passo decisivo para desvendar as gramáticas, sempre mutantes, do poder e do pertencimento na política global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acuto, M.; Curtis, S. (2014). "Assemblage Thinking and International Relations", em S. CURTIS; M. ACUTO (org.) *Reassembling International Theory: Assemblage Thinking and International Relations*. Houndsmill, Basingstoke, Hampshire; New York, NY: Palgrave Pivot.
- Ahmed, S. (2004). *The Cultural Politics of Emotion*. 1ª edição. New York: Routledge.
- Albert, M. (1998). 'On boundaries, territory and postmodernity: An international relations perspective', *Geopolitics*, 3(1), p. 53–68. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14650049808407607>.
- Athanasίου, A.; Hantzaroula, P.; Yannakopoulos, K. (2008). 'Towards a New Epistemology: The 'Affective Turn'', *Historein*, 8, p. 5–16.
- Auchter, J. (2020). "Orienting the body: affective methodology and embodiment", em E. V. RYTHOVEN; M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.
- Bailey, D.J. (2010). 'The European rescue, recommodification, and/or reterritorialisation of the (becoming-capitalist) state? Marx, Deleuze, Guattari, and the European Union', *Journal of International Relations and Development*, 13(4), p. 325–353. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/jird.2010.14>.
- G1. (2025). 'Bandeira dos EUA em protesto na Paulista repercute no "New York Times": "Novo símbolo da direita brasileira"'. 9 de setembro. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/09/09/bandeira-dos-eua-em-protesto-na-paulista-repercute-no-new-york-times-novo-simbolo-da-direita-brasileira.ghtml> (Acesso em: 10 de outubro de 2025).
- Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham: Duke University Press.
- Berlant, L. (2011). *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press.
- Bignall, S. (2008). 'Deleuze and foucault on desire and power', *Angelaki*, 13(1), p. 127–147. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09697250802156125>.
- Chang, H. (2016). *Autoethnography as Method*. New York: Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315433370>.
- Checkel, J. T. (1998). 'The Constructive Turn in International Relations Theory', *World Politics*, 50(2), p. 324–348. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0043887100008133>.
- Closs Stephens, A. (2016). 'The affective atmospheres of nationalism.', *cultural geographies*, 23(2), p. 181–198. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1474474015569994>.
- Clough, P.T.; Halley, J. (org.) (2007). *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham & London: Duke University Press.

Corry, O. (2014). "Global assemblages and structural models of International Relations", em M. ACUTO; S. CURTIS (org.) *Reassembling International Theory*. Basingstoke, p. 48–56.

Crawford, N.C. (2000) 'The Passion of World Politics: Propositions on Emotion and Emotional Relationships', *International Security*, 24(4), p. 116–156.

Cross, D.J.S. (2021). *Deleuze and the Problem of Affect*. Edinburgh University Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctv21ptsh6> (Acesso em: 20 de dezembro de 2023).

Deleuze, G. (2002) *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.

Deleuze, G.; Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G. e Guattari, F. (2011). *Mil platôs - vol. 1: Capitalismo e esquizofrenia 2*. 2ª edição. Editora 34.

Deleuze, G. e Guattari, F. (2012). *Mil platôs - vol. 3: Volume 3*. 2ª edição. Editora 34.

Deuchars, R. (2010) 'Deleuze, Delanda and Social Complexity: Implications for the 'International'', *Journal of International Political Theory*, 6(2), p. 161–187. Disponível em: <https://doi.org/10.3366/E1755088210000522>.

Eun, Y.-S. (2021). 'Calling for 'IR as Becoming-Rhizomatic'', *Global Studies Quarterly*, 1(2), p. ksab003. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isagsq/ksab003>.

Fisher, M. (2020). *Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?* 1ª edição. Autonomia Literária.

Gammon, E. (2010) "Oedipal authority and capitalist sovereignty: a Deleuzoguattarian reading of IR theory", *Journal of International Relations and Development*, 13(4), p. 354–377. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/jird.2010.13>.

Gregg, M. e Seigworth, G.J. (2010). "An Inventory of Shimmers", em *The Affect Theory Reader*. Durham & London: Duke University Press, p. 1–25.

Gustafsson, K. e Hall, T.H. (2021). "The Politics of Emotions in International Relations: Who Gets to Feel What, Whose Emotions Matter, and the 'History Problem' in Sino-Japanese Relations", *International Studies Quarterly*, 65(4), p. 973–984. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isq/sqab071>.

Hall, T.H.; Ross, A.A.G. (2015). 'Affective Politics after 9/11', *International Organization*, 69(4), p. 847–879. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020818315000144>.

Hall, T.H.; Ross, A.A.G. (2019). 'Rethinking Affective Experience and Popular Emotion: World War I and the Construction of Group Emotion in International Relations', *Political Psychology*, 40(6), p. 1357–1372.

Holland, J.; Solomon, T. (2014). 'Affect is what states make of it: articulating everyday experiences of 9/11', *Critical Studies on Security*, 2(3), p. 262–277. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21624887.2014.921454>.

Hor, A.J.Y. (2020). "Emotions in-and-out of equilibrium: tracing the everyday defensiveness of identity", em E.V. RYTHOVEN; M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.

Hutchison, E. (2016) *Affective Communities in World Politics: Collective Emotions After Trauma: 140*. New York: Cambridge University Press.

Hutchison, E.; Bleiker, R. (2014). "Theorizing emotions in world politics", *International Theory*, 6(3), p. 491–514. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1752971914000232>.

Huysmans, J.; Nogueira, J.P. (2024). "Against 'resistance'? Towards a conception of differential politics in international political sociology", *European Journal of International Relations*, 30(2), p. 359–381. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13540661231185569>.

Juris, J.; Khasnabish, A. (2015). "Immanent Accounts: Ethnography, Engagement, and Social Movement Practices", em D. DELLA PORTA; M. DIANI (org.) *The Oxford Handbook of Social Movements*. Oxford University Press, p. 0. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199678402.013.44>.

Koschut, S. (2020a). "Communitarian emotions in IR: constructing emotional worlds", em E.V. RYTHOVEN; M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.

Koschut, S. (2020b). "Emotion, discourse, and power in world politics", em S. KOSCHUT (org.) *The Power of Emotions in World Politics*. London: Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429331220>.

Koschut, S. (org.) (2020c). *The Power of Emotions in World Politics*. London: Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429331220>.

Lai, D.; Roccu, R. (2019). 'Case study research and critical IR: the case for the extended case methodology', *International Relations*, 33(1), p. 67–87. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0047117818818243>.

Lenco, P. (2012). *Deleuze and World Politics: Alter-Globalizations and Nomad Science*. New York: Routledge.

Lenco, P. (2014). '(Re-)Introducing Deleuze: New Readings of Deleuze in International Studies', *Millennium*, 43(1), p. 124–144. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305829814529004>.

Leys, R. (2011). 'The Turn to Affect: A Critique', *Critical Inquiry*, 37(3), p. 434–472.

Lupovici, A. (2020). "The spiraling effect: emotional representations and international interactions", em E.V. RYTHOVEN; M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.

Martins, M.T. (2024). *Affective Imageries: Visual Politics of Wounded Bodies in Timor-Leste*. Bloomsbury Publishing USA.

Massumi, B. (1995). 'The Autonomy of Affect', *Cultural Critique*, 31, The Politics of Systems and Environments (Part II), p. 83–109.

Massumi, B. (2002). *Parables for the Virtual. Movement, Affect, Sensation*. Durham: Duke University Press.

Mazzarella, W. (2017). 'Sense out of Sense: Notes on the Affect/Ethics Impasse', *Cultural Anthropology*, 32(2), p. 199–208. Disponível em: <https://doi.org/10.14506/ca32.2.04>.

Mercer, J. (2006). 'Human nature and the first image: emotion in international politics', *Journal of International Relations and Development*, 9(3), p. 288–303. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jird.1800091>.

Mercer, J. (2010). 'Emotional Beliefs', *International Organization*, 64(1), p. 1–31. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020818309990221>.

Mouffe, C. (2019). *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária.

Ngai, S. (2005). *Ugly Feelings*. Harvard University Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvjhzpmp> (Acesso em: 24 de fevereiro de 2024).

Nugroho, G. (2008). 'Constructivism and International Relations Theories', *Global & Strategis*, 11(1), p. 85–98.

O Globo. (2020). 'Israelenses estão incomodados com a apropriação da bandeira do país em atos bolsonaristas', 19 de maio. *Época*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/israelenses-estao-incomodados-com-apropriacao-da-bandeira-do-pais-em-atos-bolsonaristas-diz-pesquisador-24434956> (Acesso em: 10 de outubro de 2025).

Read, J. (2016). "The Affective Economy: Producing and Consuming Affects in Deleuze and Guattari", em C. MEIBORG; S. VAN TUINEN (org.) *Deleuze and the Passions*. Punctum Books, p. 103–124. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/jj.2354011.8>.

Reid, J. (2003). 'Deleuze's War Machine: Nomadism Against the State', *Millennium*, 32(1), p. 57–85. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/03058298030320010301>.

Reid, J. (2010). 'Of nomadic unities: Gilles Deleuze on the nature of sovereignty', *Journal of International Relations and Development*, 13(4), p. 405–428. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/jird.2010.10>.

Ross, A.A.G. (2006). 'Coming in from the Cold: Constructivism and Emotions', *European Journal of International Relations*, 12(2), p. 197–222. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354066106064507>.

Ross, A.A.G. (2020a). "Emotion and experience in International Relations", em E.V. RYTHOVEN E M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.

Ross, A. A. G. (2020b). “The power of viral expression in world politics”, em S. KOSCHUT (org.) *The Power of Emotions in World Politics*. London: Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429331220>.

Rythoven, E. V.; Solomon, T. (2020). “Encounters between affect and emotion: studying order and disorder in international politics”, em E. V. RYTHOVEN; M. SUCHAROV (org.) *Methodology and Emotion in International Relations: Parsing the Passions*. London; New York: Routledge.

Sedgwick, E.K.; Frank, A. (1995). ‘Shame in the Cybernetic Fold: Reading Silvan Tomkins’, *Critical Inquiry*, 21(2), p. 496–522.

Sibertin-Blanc, G. (2016). *State and Politics: Deleuze and Guattari on Marx*. Traduzido por A. Hodges. South Pasadena, CA: Semiotext.

Solomon, T. (2012). “‘I wasn’t angry, because I couldn’t believe it was happening’: Affect and discourse in responses to 9/11”, *Review of International Studies*, 38(4), p. 907–928. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0260210511000519>.

Solomon, T. (2014). ‘The affective underpinnings of soft power’, *European Journal of International Relations*, 20(3), p. 720–741. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354066113503479>.

Solomon, T. (2018). ‘Ontological security, circulations of affect, and the Arab Spring’, *Journal of International Relations and Development*, 21(4), p. 934–958. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41268-017-0089-x>.

Solomon, T. (2019). ‘Encounters between affect and emotion: Studying order and disorder in international politics’, em E.V. RYTHOVEN (org.) *Methodology and Emotion in International Relations*. Routledge.

Solomon, T. (2023). ‘Up in the air: Ritualized atmospheres and the global Black Lives Matter movement’, *European Journal of International Relations*, 29(3), p. 576–601. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13540661231181989>.

Solomon, T.; Steele, B. J. (2017). ‘Micro-moves in International Relations theory’, *European Journal of International Relations*, 23(2), p. 267–291. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354066116634442>.

Spinoza (2020) *Ética*. 2ª edição. Traduzido por T. Tadeu. Autêntica.

Spinoza, B. de (2014). *Spinoza - obra completa III: tratado teológico-político*. 1ª edição. Organizado por J. GUINSBURG; N. CUNHA; R. ROMANO. Perspectiva.

Stephens, A.C. (2015). ‘The affective atmospheres of nationalism’, *cultural geographies* [Preprint]. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1474474015569994>.

Stephens, A. C. (2024). *National Affects: The Everyday Atmospheres of Being Political*. London New York: Bloomsbury Academic.

Wendt, A. (1992). 'Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics', *International Organization*, 46(2), p. 391–425.

Wendt, A. (1999). *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Studies in International Relations). Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612183>.

Zehfuss, M. (2002). *Constructivism in International Relations: The Politics of Reality*. Cambridge University Press.

Zevnik, A. (2016). *Lacan, Deleuze and World Politics: Rethinking the Ontology of the Political Subject*. London; New York, NY: Routledge.

Zevnik, A. (2017). "Lacan, Deleuze and the Politics of the Face", em B. NEDOH; A. ZEVNIK (org.) *Lacan and Deleuze*. Edinburgh University Press (A Disjunctive Synthesis), p. 74–92. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctt1g04zt9.9> (Acesso em: 9 de outubro de 2025).